



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

AS DUAS JÚLIAS

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA
Desenhos de ADOLFO CASTAÑÉ

JÚLIA Ataíde — uma menina de oito anos, bonita, fidalga e rica — viera passar o verão com os pais, numa quinta que possuíam nos arredores de Lisboa.

Logo no dia seguinte à chegada, a pequena, acompanhada por uma outra da mesma idade e também bonita, chegou-se à mãe e perguntou-lhe, com ar indignado:

— E' verdade que, aqui, a filha dos nossos caseiros, se chama Júlia como eu?!

— E, então, que mal há nisso?! — exclamou a senhora, fixando a filha, com ar severo.

— Ora essa! Eu acho muito esquisito que ela tenha o meu nome!

— Porquê?!

— Não gosto, pronto!

— Não percebo porquê, torno a dizer-te.

— Porque eu sou fidalga, rica e ela não é nada.

— Não é nada?! — replicou a senhora. — E' tanto como tu.

— A mãzinha está a mangar!

— Falo até muito a sério. Chega-te aqui — disse para a outra criança que, envergonhada, não se atrevia a aproximar-se. — Olha bem para ela,

Julinha Não vês que tem, como tu, cabelos loiros, olhos azues, um narizinho engraçado, umas covinhas nas bochechas? Não tem, como tu, braços, mãos, pernas e pés? Francamente, não vejo nenhuma diferença entre a Júlia, filha dos caseiros e a Júlia, minha filha.

Com lágrimas de despeito nos lindos olhos, a Julinha retorquiu:

— A mãe não diz o que pensa, com certeza! Eu tenho êste rico vestido de sêda, e ela um de chita, ordinariíssimo! Os meus sapatos são de pelica da melhor, os dela, de cabedal amarelo, grosso e duro... Basta olhar para nós, logo se percebe que eu sou uma menina fina e ela uma saloia.

Em lugar de responder, a senhora chamou a criada Maria e deu-lhe umas ordens em voz baixa.

Em seguida, voltou-se outra vez para a filha.

— Faço-te hoje uma surpresa. Vais estreiar um vestido novo. Mas, como já te disse, é uma surpresa, por isso, tapo-te os olhos com um lenço, enquanto a Maria te vestir. Atou-lhe, então, um lenço à roda da cabeça, e assim a pequena saiu com a criada.

Dai a uns minutos já com o fato mudado, mas sempre de olhos vendados, a Julinha voltou para a sala e a mãe colocou-a em frente de um espelho.

Pôs, depois, a filha dos caseiros ao lado da sua, a quem tirou o lenço que lhe tapava os olhos.

— Que diferença achas tu, agora, entre a menina fina e a saloia? — perguntou ela à Julinha que desatara a chorar, desolada, por se ver vestida de chita tal qual a Júlia dos caseiros.

Nesta ocasião, entrou na sala o filho do feitor doutra quinta que tinham longe dali. O rapaz viera a cavalo, para liquidar umas contas com a senhora.

— Olha lá, António, chegaste, a propósito, — disse-lhe ela. — Antes de





mais nada, vem aqui observar estas duas pequenas. Vê que diferença há entre elas.

O António, com os olhos muito abertos, fixou as duas rapariguinhas que, vestidas da mesma maneira e tão envergonhadas, uma como a outra, baixavam a cabeça ante aquele exame.

— Eu não sei... minha senhora, — gaguejou o rapaz, atrapalhado. — A bem dizer as duas são muito bonitinhas...

— Não se trata disso! — tornou a senhora. — E' que uma delas, é minha filha e a outra é filha dos meus caseiros. Qual das duas te parece que seja a menina Júlia de Ataíde?

O rapaz aproximou-se mais das pequenas, olhando-as com muita atenção.

— Então, António, — voltou a senhora — não diferenças, à primeira vista, a menina fina da rapariguinha do campo? ! Pois a minha filha está convencida que basta



olhar as duas para logo se perceber. O António, cada vez mais atrapalhado, acudiu :

— Eu bem quero perceber... mas não vejo maneira... elas estão vestidas de igual...

— Ora aí: está o que eu queria que tu ouvisses, — disse a senhora, puxando a filha para si. — Vês, como andas mal em julgar que vales mais do que a outra Júlia?!... Afinal, a diferença que existe entre vocês é um vestido a mais ou a menos. A vaidade é um defeito terrível. Precisas livrar-te desse mal. Para começar, vais ficar hoje todo o dia vestida como a tua companheira. Vão brincar, andem!

A Júlina ainda, por muito tempo, se conservou amuada. Por fim, ao ver um campo muito florido, esqueceu o seu desgosto e juntamente com a Júlia dos caseiros foi colher um grande ramo.

Toda a tarde passaram, entretidas a fazer corôas de flores, entendendo-se, lindamente.

Desde esse dia, Júlina perdeu, de todo, a terrível vaidade. Tão mudada estava que até ensinava a outra a ler, porque, dizia ela, a única diferença que havia, entre as duas, era a Júlia dos caseiros ainda não soletrar e ela saber ler lindas histórias.

No fim do verão, eram tão amigas que a Júlia rica pediu à mãe que levasse a Júlia pobre para Lisboa. Em casa dos bons senhores, esta, depois de educada, tornou-se tão fina que continuavam a confundi-las sempre, o que dava agora grande satisfação à antiga vaidosa, completamente curada de tão feio defeito.



O verdadeiro heroísmo

POR

MANUEL FERREIRA

ERA uma vez um rei que vivia numa terra distante, muito distante. Tinha uma filha, a princesa Liliانا, formosa como o sol sempre as princesas de lenda, e de quem gostava muito.

Quando Liliانا, chegou aos dezoito anos, o rei, já velho e doente, quis organizar uma grande festa, após o que deixaria o governo. Arautos e pagens percorreram o reino, anunciando o programa dos festejos que seriam maravilhosos.

No dia em que estes tiveram início, a capital do reino regorgitava de povo, vindo das regiões mais distantes do

país, comentando, antecipadamente, o brilhantismo de todos os números das festas.

Uma das curiosidades mais interessantes era o «torneio do heroísmo». Consistia em se apresentarem todas as pessoas que tivessem cometido qualquer acto de bravura, em disputa duma corôa de duque e de um saco cheio de ouro.

Numa praça enorme e engalanada, armou-se um anfiteatro. Em lugar de honra, sentaram-se o rei, a rainha e a princesa Liliانا, formosa como nunca.

El-rei, egueu-se, o mesmo fazendo toda a assistência. E, depois de saudar o seu povo, mandou um pagem ler

D. ARANHA e a MÔSCA TORTA

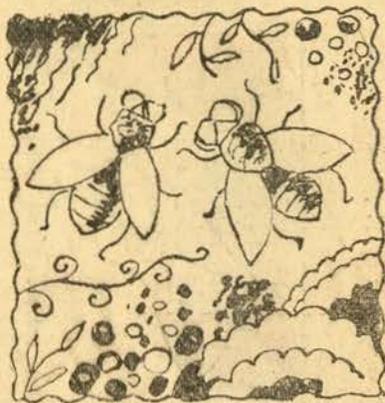
Zor FELIZ VENTURA

Certo dia, D. Aranha, muito feia, muito feia, andando a fazer a teia, depressinha, atarefada, encontrou certa Mosquinha que, feliz e descuidada, não longe estava poisada; sem notar nem ao de leve o perigo que corria; pois, se ela se descuidava, a D. Aranha saltava

e com que fúria a agarrava. Nem um anjo lhe valia! Porém, uma Môsca velha, que estivera vigilante a ver a manha da Aranha, para a Mosquinha apanhar, foi, a correr, sem demora, esta do perigo avisar.

Mas a outra, abespinhada, pois estava a descansar e não queria que ninguém a viesse incomodar, ficou tôda arreliada e respondeu malcriada: — «Não saio! Quero aqui estar!»

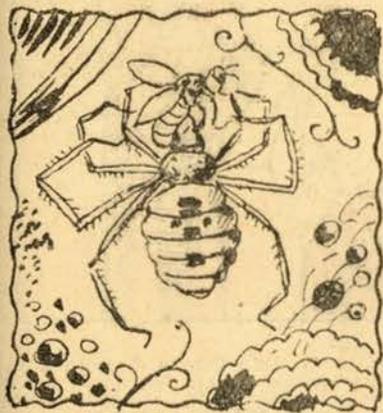
A outra, bem mais prudente, ao ver o modo alarmante com que a tal teia crescia, pediu-lhe, ainda era tempo, que fugisse num momento; pois senão era agarrada e seria devorada.



Mas a Mosquinha, arrogante, respondeu altivamente: — «Sei bem o que vou fazer! Quando julgar oportuno talvez que proceda assim. Mas com a teia tão longe, não vale a pena alarmar-se. Está tão longe de mim!...

Contudo, não acabára todo êste arrazoado, já D. Aranha, com manha, a tinha bem agarrada, arrastando-a para a teia que estava quâsi acabada.

Quem mais anos tem mais sabe, é um ditado já velho. Devemos sempre escutar quem nos dá um bom conselho.



uma proclamação, pela qual concedia o prémio à pessoa ali presente, que tivesse cometido maior heroísmo.

Mal êle tinha acabado de falar, logo um cavaleiro entrou na arena, correndo. Na mão direita empunhava uma espada, que faiscava aos raios do sol. Acercou-se da tribuna e saudou a família real.

Começou a falar:

— «Sou o nobre cavaleiro D. Brás. Havia muito que o forte das camélias resistia ao meu poder. Tôdas as minhas tropas sucumbiram em repetidos assaltos. Porém, eu, certo dia, sôzinho, deixei a minha gente junto dos muros do castelo e lancei-me às portas da fortaleza. Pouco depois, diante da minha bravura, a guarnição inimiga considerou-se prisioneira.»

Todo o povô estava estupefacto ante a bravura do cavaleiro. O soberano tornou, então:

— «Muito bem, D. Brás. Já vos conheço há muito. As vossas proezas são dignas de nota. Se ninguém fór mais valente, será vosso o prémio...».

Palavras não eram ditas, apareceu um homem robusto, que disse:

— «Chamo-me Beltrão e fui negociante em África. Ora, certo dia, os prêtos resolveram assaltar uma fazenda que me pertencia. Resistí, mas êles eram em grande número. A luta demorou e eu vi a situação; para fugir d-s prêtos tinha de atravessar um rio que corria perto. O rio estava cheio de crocodilos. Mas não hesi-

tei. Lancei-me à água e, felizmente, consegui salvar-me. E os negros ficaram pensando que eu tinha morrido na dentuça daqueles bicharôcos».

Todos estavam admirados. O próprio rei apreciou muito a coragem daquele homem.

Estava indeciso.

Mas, pouco depois, ouviu-se borborinho na bandada. E alguns soldados traziam, à força, um pobre cego, com o rosto cheio de cicatrizes.

Os monarcas e a princesa instaram com o homem, para que expusesse as suas razões. E êle, envergonhado, modesto, começou:

— «Nada fiz, Real Senhor. Era rico. Mas um homem, que passava por ser meu amigo, arranjou uma demanda de tal maneira injusta que me roubou todos os bens. Fiquei pobre. Passei a estender a mão às esmolas. Contudo, um dia, vinha a passar perto da casa onde êsse homem morava, quando a vi em chamas. Lembrei-me de que êle era meu inimigo, mas essa recordação durou pouco tempo. Entrei no fogo e salvei o homem. Mas perdi o único bem que ainda me restava, que era a luz dos meus olhos.»

Os reis e a princesa, comovidos, abriram os braços ao infeliz.

E, enquanto o povo, de pé, o aplaudia, foi-lhe entregue a corôa e o sacco cheio de ouro.

Foi, decerto, a maior bravura que apareceu no torneio dêsse país maravilhoso.

ROUBARAM UM CÃO

POR MARIA ARCHEL



O milionário Sr. Leão Camelo Carneiro tinha um cão de luxo, destes cães de pelo comprido e felpudo, que lhe custara trinta contos. Gostava tanto do cão que até o deixava dormir no seu quarto, aos pés da cama. Mas um dia...

o cão fugiu de casa, para a rua, e andou dum lado para o outro, a passear, até que foi parar ao Alto do Pina e se deixou agarrar pelos ciganos.

Uma cigana velha empunhou um facalhão e queria matar o cão de luxo do sr. Leão Camelo Carneiro para o comer com batatas. Mas uma cigana nova, com mais lume no olho, disse-lhe que aquele cão se podia vender por cem escudos e, então, comprou-o no talho carne de vaca.



Dois ciganos pegaram no cão ao colo e foram ao canil do sr. Jacinto Cravo Formosinho vendê-lo por cem escudos. O sr. Jacinto Cravo Formosinho ofereceu noventa escudos, porque também queria roubar os ladrões. Eles disseram que iam pensar e voltariam.

Mas o Carlinhos, crialdo do canil, logo percebeu que o cão era roubado, e também deu fé da malícia do patrão. E a ver se descobria alguma coisa, comprou o *Século*, sentou-se nas escadinhas da Graça, e começou a correr um por um, os anúncios todos. Na última página, encontrou um anúncio do milionário.

Sr. Leão Camelo Carneiro a oferecer mil escudos a quem descobrisse o paradeiro do cão. Mil escudos! Ele podia ganhar mil escudos! Dirigiu-se ao palácio do milionário cheio de esperança, e contou o que sabia.



No dia seguinte, os ciganos voltaram com o cão para o venderem. Mas o sr. Jacinto Cravo Formosinho, que era um espertalhão, pôs-se a dizer que o cão trazia o pelo desfrizado, e só valia oitenta escudos. Os ciganos começaram a discutir com o dono do canil. Entretanto, Carlinhos ia ao telefone e comunicava com a Polícia.

Os ciganos zangavam-se e chamavam injúria ao sr. Jacinto Cravo Formosinho. Iam-se embora e levavam o cão debaixo do braço. Carlinhos estremeceu, ao ver que os ciganos saíam antes da chegada da polícia. Era preciso ganhar tempo. Que fazer?! Pôs-se a dizer que o pelo do cão se podia frizar de novo, fazendo como no cabeleireiro. E foi buscar os ferros de frizar da criada e tratou de frizar o cão. E a polícia ia chegando...

...acompanhada do milionário, sr. Leão Camelo Carneiro. Assim que a viram, os ciganos nos saltaram o muro do quintal e o dono do canil escondeu-se no casinhoto do quintal maior, ficando com as pernas de fóra. Carlinhos mirava, à luz, a sua nota de mil escudos e o cão fazia: -- chéu-béu no dono.

O MACACO E O PAPAGAIO



DOR. AUGUSTO DE SANTA RITA

Certo menino sem tino, sem nenhum tento na tóla, chamado Fernando Maio, e que era um grande estarola, tinha em casa um papagaio e um macaquinho de Angola.

O «loiro» do Fernandinho, sem saber o que dizia, repetia quanto ouvia. Entretanto, o macaquinho, a tóda a hora imitava, fielmente, as atitudes e os modos de quem ao pé lhe passava: de tóda a gente, de todos.

Por sua vez, o tolinho do nosso Fernando Maio, imitava o macaquinho e imitava o papagaio, sem perceber o pateta do petiz, que é feio falar à tóa, sem pensar o que se diz, ou fazer uma careta, um esgar ou pirueta imitando uma pessoa.



*
Meninos, dai atenção! Nunca devemos, ai não, imitar seja quem fôr, para que nunca nos chamem, com razão, papagaio palrador... macaco de imitação!

AS PARTIDAS do AMADEU

Por LEONOR DE CAMPOS



Isso é que o Amadeu gosta de fazer partidas!... Todo se regala, quando arrelia alguém!... Sente-se feliz com o desespêro dos outros! E mauzinho Amadeu!...

Mas, às vezes, volta-se o feitico contra o feiticeiro. E o Amadeu, que tanto goza quando se revoltam com as parti-

Davam lindos passeios. De bicicleta corriam os arredores, examinando e admirando tudo.

Aquilo para o Ricardo era uma festa. Nunca na sua vida gozara tanto!... Em Lisboa, nos domingos e dias feriados, também se divertia muito. Em geral, ia passear com o pai até o Campo Grande e levava a bicicleta. Corria, corria, até cansar. E à noite, quando regressava a casa, sentia-se feliz e mais forte, por aquele rico dia passado ao ar livre, sem preocupações e em relativa liberdade.

Mas ali era muito e muito melhor! Tudo para ele era novo e belo!...

O Amadeu também se sentia tão contente com a presença do primo, que até se esquecia de fazer partidas.

— Devias ficar cá sempre para eu ter com quem brincar! — dizia ele ao Ricardo.

— E depois o liceu? Nada!... O melhor era tu ires comigo para Lisboa, em Outubro...

— Quem me dera!... Gostava tanto de ver Lisboa!... E se nós pedissemos aos meus pais?

— Boa idéia!... Mas em vez de sermos nós a pedir, é preferível que seja o meu pai. Vou já escrever-lhe nesse sentido...

Daf a alguns dias, recebia o pai do Amadeu uma carta do irmão a pedir-lhe que deixasse ir para Lisboa o rapazinho. E depois de variada troca de correspondência, ficou assente que ele iria em Outubro, com o primo.

Tanto o Amadeu como o Ricardo sentiram tal contatamento, que até deram saltos mortais.

Continuaram os passeios. E certo dia em que pedalavam

(Continua na página 8)

dêle, barafusta se lhe fazem qualquer pirraça... E o costume! Não há que estranhar!...

Ora o Amadeu, que vive numa linda quinta do Alto do Minho, tem um primo, o Ricardo. Este mora em Lisboa. Teve, no ano passado, excelentes notas no liceu. Ficou bem classificado e os tios do Minho convidaram-no para ir passar algum tempo à sua quinta.

O Ricardo foi e acamaradou logo com o Amadeu.

Farolinhãs quiere dar a volta ao mundo

Por MARIA DOS MILAGRES



Resolveu-se a nossa amiga, Farolinhãs Faroleta, Nada menos! Que «tineta»! A ir dar a volta ao mundo.



Equipou-se num repente: encheu de chá um cantil e fez uma permanente, para mostrar-se gentil.



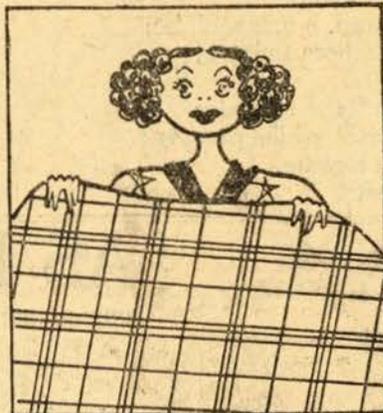
Para dar tom, no chapéu pôs uma pena de pato e no cinto um machadinho e duas facas de mato.



Mas... surge a complicação: — que traje deve levar? Nenhum tem apropriado, nem já meio de o comprar...



Que fazer?... Ah! uma idéia, põe-na em acção com coragem. Vai tirar da rouparia uma manta de viagem.



Comprou-a o pai na Escócia, numa digressão que fez. E' linda, quente, macia, de bom tecido escocês.



Corre, com ela, à modista que a transforma à maravilha! Mas... na manhã da partida, encontrando assim a filha,



pai Faroleta inquiriu, cheio de espanto profundo: — «Onde é que vai a menina?!» — «Eu... vou dar a volta ao mundo...»



—«Ah! ah! ah! ah! ah! ah!...» Riu-se o pai mas ri de vez. Logo empunhando a bengala, sacode o fato escocês!

CONCURSO: -Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



72

Filho de João I
Era um poço de saber.
Viajou por todo o mundo
Não se cansando de ver.

Quando morreu D. Duarte
Teve êle que governar,
Pois Afonso, uma criança,
Não podia em tal cuidar.

Mas, algum tempo depois,
Certas pessoas mesquinhas
Puzeram à sua volta
As intrigas mais daninhas.

E foram tão poderosas,
Agiram de tal maneira,
Que o Infante achou a morte
Nos campos de Alfarrobeira.

Este homem, bom como um san-
to,
Grave e sério como um cedro,
Sábio como os maiores sábios
Era o Infante



73

Deve ser mais que sagrada
Para nós sempre a Bandeira.
Antes ficarmos sem vida
Que vê-la em mão estrangeira.

Assim fez um cavaleiro
Em Toro, por certa vez,
Defendendo o mais que pôde
O estandarte português.

Cortaram-lhe uma das mãos
E na outra o segurou,
Decepam-lhe essa também,
Mas ainda o não largou.

Cravando nêle os seus dentes
Com inigualado ardor,
Deixou-se crivar de golpes
Nem sequer sentindo a dor.

E assim salvou da deshonra
Nosso pavilhão sagrado.
Por isso vive na História
Chamando-se o



74

Formosa como as estrêlas
E como os anjos bondosa,
Preferiu a paz da Igreja
A nossa vida ruidosa.

Foi seu pai Afonso V;
Mas ela, sem hesitar,
Deixou as galas da côrte
Para num convento entrar.

E viveu com tanta fé,
Rezou com tanto fervor,
Amou tanto os pòbrezinhos,
Mitigando-lhes a dor,

Que tôda a gente, surpresa,
De tal prodígio se espanta,
Dizendo sem descansar:
«Esta princesa é uma santa!»

E assim, também, concordou
A santa cúria romana,
Santificando mais tarde
A infanta Santa

Passatempo — ANAGRAMAS

Para uma Maria que
seja boa menina:

siM pática
amA vel
engR açada
adorA vel
inteli gente

Para uma Emilia
muito janota:

bE la
romântica
lI nda
val sista
distI nta
elegA nte

Para um Vasco auto-
mobilista:

traV ão
volA nte
para-bris as
pneumáticos
rod as

PÓR ABSOLUTA
FALTA DE ESPAÇO

não podemos publicar neste número
a nossa habitual

HORA de RECREIO

AS PARTIDAS DO AMADEU (Continuado da página 5)

na estrada, ao atravessarem uma ponte, os dois rapazes viram, em baixo, no rio, um homem a pescar. O Ricardo bem queria parar, para ver. Mas o Amadeu mostrou-lhe as horas.

— Não temos tempo a perder, se quisermos chegar a horas do almoço. Olha que o pai não gosta de esperar!...

— Está bem — anuiu o outro. — Vamos lá. Mas tenho pena, porque nunca t'ria visto pescar à linha!...



Logo a mania de fazer partidas despertou no Amadeu.

Ora! — disse ele. — Isso é uma coisa tão vulgar!... Aqui, no Minho, em toda a parte se pesca à linha!... Até nos poços!...

— O quê? Então, nos poços há peixe?

Pois há!... Estou admirado por não saberes isso!... O Minho é, em todo o mundo, a mais fértil região em peixes!...

— Oh!... Vai dizer dessas a outro!... Quer's enganar-me, não? — duvidou Ricardo.

— Já te disse!... Desejas uma prova? Logo, depois do almoço, vamos ambos pescar ao poço grande da quinta. Está dito?

— Está dito! E se me enganas... nem sei o que te faço!...

— Não te engano. Garanto-te que hás de pescar qualquer coisa!...

Depois do almoço, o Amadeu disse a Ricardo:

— Agora vou pedir ao jardineiro que me empreste linhas e anzóis. E eu arranjarei minhocas para isca.

E desatou a correr em direcção à casa do jardineiro.

Apenas chegado, perguntou ao homem:

— Tens por aí algumas botas velhas?

— Tenho sim, menino. Porquê?

— Vendes-me um par?

— Vender? Deus te livre!... Olha que idéa!... Para que queres o menino as botas?

— Não tenho tempo para conversas. Vendes ou não? Olha que devem ser bem velhas... São para estragar...

— Nesse caso... não vendo, dou-lhe umas que tenho na arrecadação e que tencionava deitar ao rio a primeira vez que lá passasse...

— Está bem, obrigado. Vai buscá-las, depressa. E de caminho traze-me linhas de pescar e dois anzóis...

— Trago já. Não me demoro...

O jardineiro partiu a correr. Pouco depois regressava com tudo o que o Amadeu pedira. Este dirigiu-se logo para casa, onde o Ricardo o esperava impaciente. Mas, de caminho, fez um desvio. Passou junto do poço e lançou lá dentro as botas.

Com uma cara muito séria o Amadeu disse ao primo: — Vem daí, meu incrédulo, Verás como não te menti... Daí a pouco instalavam-se os dois primos à beira do poço.

— E a isca? — perguntou Ricardo.

— Aqui, na terra húmida, há muita minhoca...

Efectivamente encontraram logo minhocas e com elas armaram os anzóis.

O Ricardo lançou o seu ao poço e o Amadeu fingiu imitá-lo.

Decorreram cinco minutos e como nenhum deles pescasse coisa alguma, o Amadeu disse, muito sério:

— Hum!... Está-me cá a parecer que, devido ao tempo, os peixes estão muito no fundo...

— Ao tempo? Porquê? — interrogou, admirado, o primo.

— É que estes peixes dos poços, quando há nevoeiro, descem quasi a tocar o fundo... É conveniente porisso atarmos uma pedra pequena à extremidade da linha, junto do anzol, para o obrigarmos a descer...

Fizeram o que o Amadeu sugerira. Deitaram de novo os anzóis à água. Estes desceram até o fundo do poço. Neste momento, o Ricardo declarou, alvoroçado:

— Amadeu!... Sinto o anzol preso!...

— Puxa-o com cuidado!...

— É pesado...

— Deve ser peixe graúdo! — disse o Amadeu, sem se desconcertar. — Naturalmente é o chamado peixe botifarra... Só há disso nos poços...

O Ricardo continuava a puxar a linha com a maior cautela... E o peixe botifarra ia subindo... subindo...

E de repente apareceu, ante os olhos pasmados do Ricardo, a bota velha do jardineiro.

O Amadeu ria como um perdido!... Mas assim que viu ao Ricardo uma cara esquisita, quando o viu, muito encarnado, a arregaçar as mangas da camisa, não esperou pelos cumprimentos do primo.

Fugiu com tal velocidade que mais parecia um cabrito montez do que um menino apreciador de boas partidas...

Se querem saber o final desta história, leiam no próximo número

COMO O RICARDO SE VINGOU

